

Alberto Caeiro

## XXXVII — Como um grande borrão de fogo sujo

XXXVII

Como um grande borrão de fogo sujo  
O sol-posto demora-se nas nuvens que ficam.  
Vem um silvo vago de longe na tarde muito calma.  
Deve ser dum comboio longínquo.

Neste momento vem-me uma vaga saudade  
E um vago desejo plácido  
Que aparece e desaparece.

Também às vezes, à flor dos ribeiros  
Formam-se bolhas na água  
Que nascem e se desmancham.  
E não têm sentido nenhum  
Salvo serem bolhas de água  
Que nascem e se desmancham.

s. d.

“O Guardador de Rebanhos”. In **Poemas de Alberto Caeiro**. Fernando Pessoa. (Nota explicativa e notas de João Gaspar Simões e Luiz de Montalvor.) Lisboa: Ática, 1946 (10<sup>a</sup> ed. 1993): 61.

“O Guardador de Rebanhos”. 1<sup>a</sup> publ. in **Athena**, n<sup>o</sup> 4. Lisboa: Jan. 1925.